

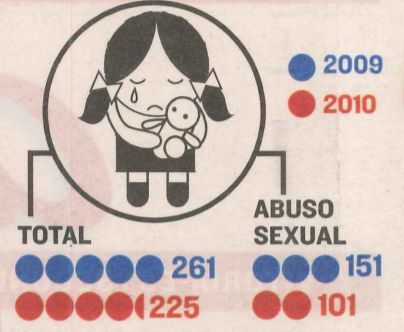
Menor

Reportagem Especial



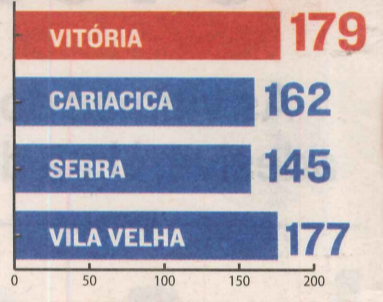
CRIMES CONTRA CRIANÇAS chocam até mesmo a polícia e são cada vez mais frequentes

Casos registrados na DPCA* entre os meses de janeiro e maio



*Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente. Esses números não incluem os casos registrados nos plantões dos Departamentos de Polícia Judiciária.

Crianças vítimas de abuso sexual atendidas pelo Programa Sentinela em cada município*



*O programa agora atende pelo nome Serviço de Proteção Social às Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência, Abuso e Exploração Sexual.

VIOLÊNCIA INFANTIL

Mais de 500 casos de crianças violentadas no ano

O número é de abuso sexual, negligência, maus-tratos e tortura na Grande Vitória. Maioria das vítimas tinha até 12 anos

Érica Vaz

A infância está terminando mais cedo para muitas crianças da Grande Vitória por causa da violência. De janeiro a maio deste ano, já foram registrados 551 casos de violência contra os menores.

Desses, 186 foram de abuso sexual. As outras ocorrências são de tortura, maus-tratos e negligência grave. Do total de casos, pelo menos 52% das vítimas tinham até 12 anos de idade.

Na Serra, de acordo com o Serviço de Proteção Social a Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência, Abuso e Exploração Sexual e suas Famílias (o Sentinela), a faixa etária predominante das crianças atendidas é de 6 a 12 anos.

Em Vitória, são 321 crianças vítimas de violência atendidas pelo mesmo programa, sendo que 171 sofreram abuso sexual. Outro dado alarmante na capital: das 102 crianças que estão em abrigo do município, pelo menos 20% delas foram retiradas pela Justiça do convívio familiar por causa de violência física e sexual.

“As vítimas são cada vez mais novas e os casos chocam pela

crueldade”, ressaltou o titular da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA), Marcelo Nolasco.

Ele destaca o crescimento de denúncias dos casos de tortura. “Há alguns anos, não era comum esse tipo de crime. Mas só ano passado, foram três casos confirmados.”

Um dos casos que marcou o delegado aconteceu no ano passado, com uma menina de apenas 7 anos. Ela era mantida em cárcere privado, pela mãe e o padrasto, e era torturada. Amarrada no quarto ou dentro de uma bacia d’água no banheiro, não recebia comida.

No meio da noite, a menina levantava e comia farinha com café. Quando era flagrada, apanhava com fios e tinha a cabeça colocada dentro do vaso sanitário. Ela foi resgatada da casa onde vivia pesando só 11 quilos.

As sequelas dessa violência podem durar o resto da vida. “Síndrome do pânico, depressão, automutilação e até tentativa de suicídio são frequentes das vítimas, que em muitos casos não contam com o amparo da família para superar”, citou a coordenadora do programa Sentinela de Vila Velha, Daniele Vasconcelos Campagnaro Passos.

“As vítimas são cada vez mais novas e os casos chocam pela crueldade”

Marcelo Nolasco, titular da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente



MÃE de menina de 6 anos denunciou um pedreiro por abusar da filha

Mais ocorrências à noite

A maioria dos casos de violência e abuso sexual contra crianças e adolescentes na Grande Vitória é registrada nos finais de semana e à noite. Dos 551 casos abertos este ano na Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA), apenas 225 foram registrados durante a semana, no horário de funcionamento da delegacia, de 8 horas às 18 horas.

Em contrapartida, nos Departamentos de Polícia Judiciária (DPJs) municipais, que atendem às ocorrências policiais no período de plantão noturno, finais de semana e feriados, foram 326 casos.

De acordo com a coordenadora do programa Sentinela de Vila Velha, Daniele Vasconcelos Campagnaro Passos, a maioria dos casos

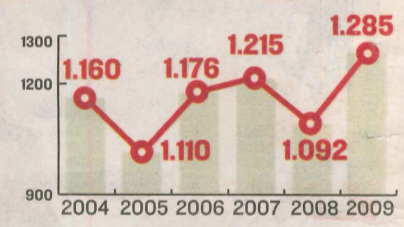
acontece dentro da casa da vítima ou do agressor, e na ausência de outro adulto no local.

“Quando o agressor é da família ou próximo, ele aproveita quando a mãe da criança sai para trabalhar ou quando está dormindo, por exemplo”, afirmou.

Em setembro do ano passado, uma mãe denunciou o pedreiro que fazia a reforma de sua casa por abusar sexualmente de sua filha, de apenas 6 anos.

Segundo a mãe da menina, o abuso aconteceu no momento em que ela deixou a filha sozinha em casa com o irmão de 11 anos. À polícia, a menina disse que o homem acariciou o órgão sexual dela quando ela brincava no quintal e o irmão estava dentro de casa.

Denúncias de violência contra crianças ao longo dos anos*

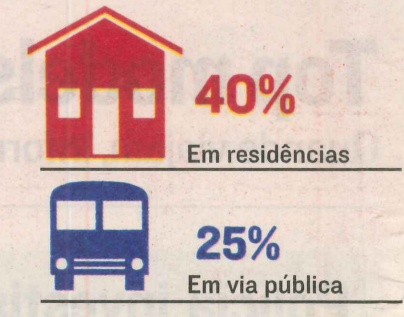


*Número de boletins de ocorrências. Inclui todos os casos de violência

Ocorrências de abuso sexual contra menores ao longo dos anos

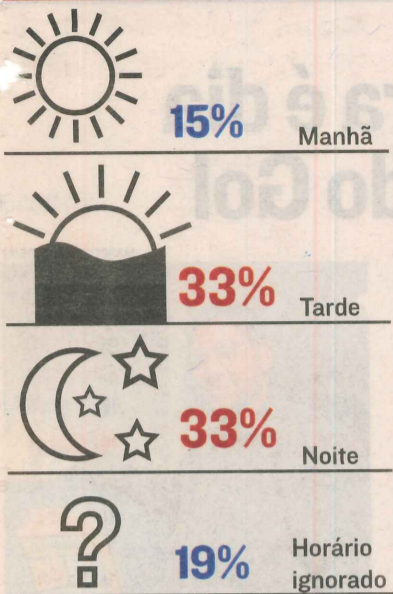


LOCAL DAS OCORRÊNCIAS



Reportagem Especial

HORÁRIO DAS OCORRÊNCIAS



VIOLÊNCIA INFANTIL

Pais lideram lista de acusados

Aqueles que deveriam proteger são os que mais agredem e abusam sexualmente dos menores na Grande Vitória.

Um levantamento realizado pelo Serviço de Proteção Social às Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência, Abuso e Exploração Sexual (Sentinela) nos municípios revelou que, em média, em 60% dos casos é o pai ou padrasto da vítima o acusado.

Em Cariacica, numa pesquisa sobre o perfil dos abusadores nos 136 casos encaminhados ao Sentinela em 2009, em primeiro lugar aparece a figura do pai. O padrasto e do tio estão em segundo e terceiro lugar, respectivamente.

Das vítimas, 110 eram meninas e 35 meninos, com idade entre 7 e 14 anos. Este ano, foram registradas 26 ocorrências e novamente o pai e o padrasto ocupam as primeiras posições.

Em Vitória, a situação se repete. Foram 128 crianças atendidas ao longo de 2009 e 50 novos casos este ano. Em 71% das ocorrências, o agressor tem vínculo familiar com a vítima, sendo que em 60% é o pai ou padrasto.

Em Vila Velha e Serra, eles também são os acusados na maioria dos casos. Segundo Marianne Leão, coordenadora do Sentinela da Serra, as vítimas têm sentimentos conflitantes em relação aos abusadores.

“Dependendo da faixa etária, a vítima não tem noção de que está sendo abusada, principalmente quando provoca prazer e não dor. Ela também sofre por estar ligada afetivamente ao agressor, mas não gostar das práticas abusivas”, explica.

DENÚNCIAS

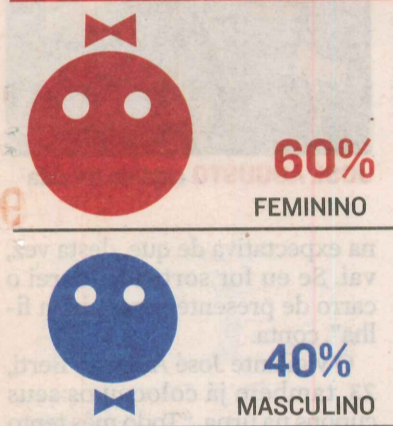
Para Margarita Mateos, coordenadora do Programa de Atendimento a Vítimas de Violência Sexual do Estado (Pavivis), o vínculo familiar da vítima com o agressor compromete as denúncias, pois muitas mães são coniventes com essas práticas por medo de perder o marido ou de também serem agredidas por eles.

“Quando o acusado é pai ou padrasto da vítima, há mães que se calam pela dependência física ou emocional que mantêm com o parceiro”, afirma a coordenadora.

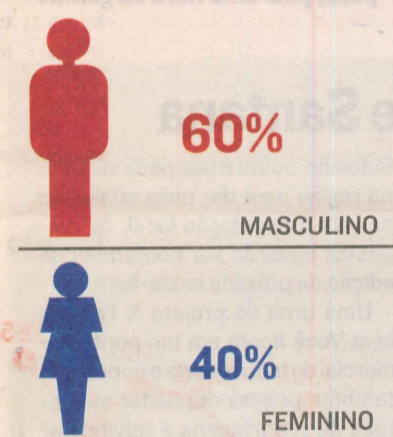


MARCELO NOLASCO: equipe exclusiva para apurar denúncias do 181

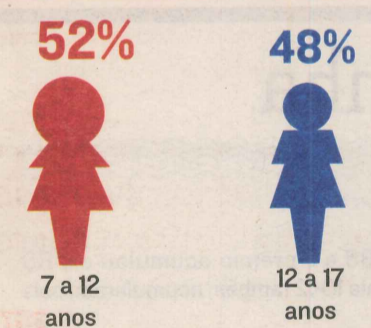
SEXO DAS VÍTIMAS



SEXO DOS AGRESSORES



IDADE DAS VÍTIMAS



IDADE DOS AGRESSORES



MARGARITA MATEOS explica que vínculo familiar pode criar convivência

CASOS

Namorado da tia

Na Serra, um homem de 30 anos, namorado da tia de uma criança de 5 anos, pegou a menina na casa dela dizendo que iria comprar balas. Ele a levou para a casa dele, onde fez sexo anal com a menina. Ao chegar em casa, a criança contou tudo para a mãe e a tia. O acusado foi preso em flagrante.

Atraídos por doces

Na Serra, um cabeleireiro abordou dois meninos, de 8 e 12 anos, que tentavam regular o banco da bicicleta na rua e os chamou para irem até a casa dele, onde daria um lanche e dinheiro para eles comprarem doces. Ao chegarem na casa, os dois foram amarrados e violentados sexualmente.

“Formiguinha”

Um homem de 60 anos abusava das meninas que estudavam numa creche em Vila Velha. A mãe de uma criança de 4 anos denunciou. A criança contou: “Não quero mais ir para a creche, não gosto do tio. Ele brinca de ‘formiguinha’. Começa pelo pé e vai subindo até colocar a mão debaixo da minha calcinha”.

Ajuda da amiga

Uma menor era molestada pelo pai, um pedreiro de 37 anos, desde os 7 anos. Quando fez 13 anos, acordou com o pai em cima dela a estuprando, situação que se repetiu várias vezes. Ele só foi preso quando a filha contou o caso para uma amiga, que ligou para o disque-denúncia (181).

Reforço nas investigações

A Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA) criou uma equipe para investigar exclusivamente os casos que chegam pelo disque-denúncia (181).

No mês passado, a equipe foi reforçada com mais quatro investigadores e, até a próxima semana, ganhará também duas viaturas descaracterizadas para investigações de rua.

Atualmente, a delegacia conta com 13 investigadores, três radiopatrulhas, quatro escrivães e dois delegados, lotados em um prédio de dois andares no bairro Jucutuquara, em Vitória.

“Com esse crescimento no efetivo foi possível montar uma equipe

para apurar todas as denúncias que chegam, o que se reflete nos números de casos solucionados”, explicou o titular da DPCA, delegado Marcelo Nolasco.

Segundo o chefe da Polícia Civil, o delegado Júlio Cesar Oliveira Silva, a reestruturação da DPCA foi necessária para suprir uma demanda reprimida.

Com a divulgação dos casos e esclarecimento da população sobre os meios de denunciar a violência contra os menores, o volume de investigação aumentou em 60% nos últimos três anos.

“Isso é fruto da credibilidade que a delegacia tem com a população”, destacou.

Medo esconde números

O número de casos de violência e abuso sexual contra crianças e adolescentes no Estado assusta. Mas o que a estatística revela são números menores que os reais, uma vez que há casos que nunca são denunciados.

Sem saber como se comportar e a quem recorrer, muitas vítimas suportam abusos impostos pelo adulto, por outra criança mais velha ou alguém próximo à família.

Esse comportamento é conhecido como “síndrome do segredo” ou “complô do silêncio”. O abusador tem consciência do seu ato, mas, perante os outros, age como se nada fizesse, obrigando a vítima a compactuar com a encenação.

“As crianças se sentem culpadas, pois acham que fizeram algo errado para merecer isso. Por medo, aprendem a ficar caladas, e o assunto é um tabu dentro da própria família”, explicou a psicóloga Gil-

mara Wolkart. Para Margarita Mateos, coordenadora do Pavivis, apenas 20% dos casos chegam à polícia e ao Conselho Tutelar. Ela ainda faz uma crítica a morosidade da Justiça em julgar os casos.

“Fui chamada para depor em um caso de abuso sexual denunciado em 2005. Não há uma vara especializada para esse casos, todos entram na fila da vara criminal comum. A demora coloca em risco essas vítimas”, destacou.

TELEFONES

Onde denunciar

- > DELEGACIA de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA): 3132-1916 / 3132-1917
- > DISQUE-denúncia do Estado: 181
- > DISQUE-denúncia federal: 100